

**Título:** O Espiritismo segundo Allan Kardec: um *médium* para tradição cristã.

**Proponente:** Augusto César Dias de Araujo (Doutorando em Ciência da Religião).

**Instituição de origem:** Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião (PPCIR)

**Instituição Financiadora:** Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG)

**GT3:** A Bíblia e suas leituras.

## **O Espiritismo segundo Allan Kardec: um *médium* para a tradição cristã.**

Augusto César Dias de Araujo<sup>1</sup>

O Espiritismo [...] é o Cristianismo apropriado  
ao desenvolvimento da inteligência e isento dos abusos [...]

Allan Kardec, *Revista Espírita*, Jun/1865.

### **Introdução:**

O Espiritismo é uma religião. Ainda que pese a opinião de Allan Kardec (1804-1869), seu fundador, de que tal afirmação poderia “[...] dar uma ideia muito falsa, quer do Espiritismo em geral, quer em particular do caráter e do objetivo dos trabalhos da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas”<sup>2</sup> – o núcleo por ele fundado para o estudo e a pesquisa dos fenômenos e da doutrina espíritas –, parece-me impossível negar essa realidade. Não apenas pelo desenvolvimento histórico da nova doutrina e do movimento em torno dela articulado, ao implantar-se em terras brasileiras ainda no século XIX<sup>3</sup>, mas de maneira marcante na própria obra kardeciana. Apesar de afirmar o caráter universal do Espiritismo e sua abertura a todo

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciência da Religião pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPCIR / UFJF). Pesquisa realizada com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG). Comunicação apresentada no 23º Congresso Internacional SOTER 2010, GT3 – A Bíblia e suas Leituras.

<sup>2</sup> KARDEC, Allan. Refutação de um artigo do “Univers”. In: \_\_\_\_\_. *Revista Espírita*. Jornal de Estudos Psicológicos. Ano Segundo – 1859. Rio de Janeiro: FEB, 2007, p. 196.

<sup>3</sup> No meio acadêmico, entre os estudiosos do Espiritismo no Brasil, parece haver a tendência em contrapor o modelo brasileiro e o francês com base na distinção entre religiosidade e laicidade (Cf.: STOLL, Sandra Jacqueline. *Espiritismo à Brasileira*. São Paulo: EDUSP, 2003). Nos últimos anos têm ganhado expressão no seio do Movimento Espírita Brasileiro grupos ligados à Confederação Espírita Pan-americana (CEPA) que defendem o Espiritismo como ciência e filosofia de caráter laico (não-religioso).

culto ou confissão religiosa <sup>4</sup>, será frente à tradição cristã – suas fontes, seus dogmas, suas práticas – que Kardec e o Espiritismo nascente terão de se posicionar. E será a esta mesma tradição que a nova doutrina recorrerá em busca de legitimação para sua pretensão de se configurar como “traço de união” entre ciência e religião. <sup>5</sup>

Este trabalho dá continuidade a artigo anterior intitulado *Identidade e Fronteiras do Espiritismo na obra de Allan Kardec* <sup>6</sup>, no qual proponho uma reflexão sobre o “[...] processo de formação identitária do Espiritismo – doutrina e movimento – a partir de seu discurso fundador presente na obra de Allan Kardec” <sup>7</sup>, e trabalho com a relação entre “Espiritismo” e as três instâncias a que Kardec recorre a fim de legitimar seu discurso: ciência, filosofia e religião. O objetivo ali era demonstrar como, nesta interação, a identidade do Espiritismo se consolida ao estabelecer fronteiras, numa relação de relativa superioridade e de superação, frente a essas três instâncias, sem, no entanto, abrir mão do uso de sua linguagem e de suas fontes. Neste contexto, o conceito de *Espiritismo* se apresentaria como um conceito *híbrido*, o qual indicaria o caráter mediador da nova doutrina e do movimento articulado em seu entorno. <sup>8</sup>

No presente trabalho, pretendo retomar alguns elementos dessa reflexão prévia, aprofundando-os, ao analisar o modo como a identidade religiosa do Espiritismo (doutrina e movimento), é forjada na obra kardeciana em continuidade com a tradição cristã – principalmente na sua versão Católico-Romana – a partir da apropriação e releitura de suas fontes e de alguns elementos de sua dogmática. Para tanto, me aterei, sobretudo, a seus três últimos livros publicados – *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864); *O Céu e o Inferno, ou a Justiça Divina segundo o Espiritismo* (1865); e, *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo* (1868) – sem, contudo, excluir qualquer referência a suas demais publicações. Tais obras foram priorizadas porque será nelas que o autor se debruçará com

<sup>4</sup> Cf.: KARDEC, Refutação de um artigo do “Univers”, *op.cit.*, p. 205-206.

<sup>5</sup> Cf.: KARDEC, Allan. Aliança da Ciência e da Religião. In: \_\_\_\_\_. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2008. p. 60-61.

<sup>6</sup> Cf.: ARAUJO, Augusto. Identidade e Fronteiras do Espiritismo na obra de Allan Kardec. **Horizonte**, v. 8 n. 16, jan./mar. 2010.(Em Edição).

<sup>7</sup> ARAUJO, *op. cit.*

<sup>8</sup> A necessária limitação deste artigo não nos permitiu uma discussão mais ampla do termo *hibridismo*. Seria necessária uma extensa revisão da literatura referente ao tema, o que extrapola nossa possibilidade, no momento. Se, contudo, a origem do termo, na genética do século XIX, remete em sentido amplo a tudo que é composto por elementos diferentes, heteróclitos, dispartados; aqui ele assume o significado de uma tentativa de abrigar sob um mesmo conceito – o conceito de espiritismo na obra de Allan Kardec – três outros conceitos que aparentemente se colocam como antagonicos e irreconciliáveis, sem, no entanto, propor uma síntese que os nivele em importância ou significação. Conforme se verá, o conceito *espiritismo* em Kardec se apresenta como um conceito híbrido porque retira de suas relações com as representações correntes em seu tempo de ciência, filosofia e religião; e do uso e apropriação de suas linguagens específicas, uma fonte de autoridade e de suposta articulação desses saberes a partir de uma posição mais abrangente e superior.

maior acuidade sobre as questões das relações entre Espiritismo e Cristianismo. Nessa abordagem, a obra de Kardec é encarada como um discurso que postula, ao lado de outras coisas, garantir à doutrina espírita seu *droit de cité* frente aos sistemas e instituições de representação que não o próprio Espiritismo. Nesse caso específico, a religião cristã.

### **Espiritismo e Cristianismo: o problema da mediação.**

*Pour les choses nouvelles il faut des mots nouveaux:* assim começa o primeiro parágrafo do ensaio *Introduction a l'étude de la doctrine spirite*, publicado em 1860, juntamente com a segunda edição de *Le Livre des Esprits*, e como introdução desta obra. Em parte, ele é a reprodução do parágrafo que introduz igualmente a primeira edição de 1857; contudo, acrescido de maiores explicações sobre o posicionamento do Espiritismo diante do espiritualismo filosófico.

Para coisas novas precisamos de palavras novas; assim o exige a clareza da linguagem, para evitarmos a confusão inerente ao sentido múltiplo dos mesmos termos. As palavras *espiritual*, *espiritualista*, *espiritualismo* têm acepção bem definida; dar-lhes uma nova, para aplicá-las à Doutrina dos Espíritos, seria multiplicar as causas já tão numerosas de anfibologia. Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo; quem quer que acredite ter em si alguma coisa além da matéria é espiritualista; mas não se segue daí que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em lugar das palavras *espiritual*, *espiritualismo*, empregaremos, para designar esta última crença, as palavras *espírita* e *Espiritismo*, cuja forma lembra a origem radical e que, por isso mesmo, têm a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, reservando ao vocábulo *espiritualismo* a sua acepção própria. Diremos, pois, que a Doutrina *Espírita* ou o *Espiritismo* tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os *espíritas* ou, se quiserem, os *espiritistas*. Como especialidade, *O Livro dos Espíritos* contém a Doutrina *Espírita*; como generalidade, prende-se à doutrina *espiritualista*, da qual apresenta uma das fases. Tal a razão por que traz no cabeçalho de seu título as palavras: *Filosofia Espiritualista*.<sup>9</sup>

Este parágrafo representa o esforço pessoal de Kardec a fim de dirimir a disputa, causada pelo lançamento de sua obra, entre os adeptos do chamado *espiritualismo moderno*, de origem anglo-saxônica, e seu próprio posicionamento. De fato, Kardec reconhece o Espiritismo como sendo o desenvolvimento doutrinário do *espiritualismo moderno*, mas considera essa nomenclatura problemática, uma vez que pode levar às confusões acima descritas. Seu

<sup>9</sup> KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Princípios da Doutrina Espírita. Rio de Janeiro: FEB, 2007. p. 23-24.

problema é léxico, não ideológico. Demonstra isso o fato de que, alguns parágrafos adiante, na mesma *Introduction*, ao narrar “[...] em poucas palavras, a série progressiva de fenômenos que deram origem a esta doutrina”<sup>10</sup>, o codificador faz questão de demonstrar com esta narrativa que a doutrina dos espíritos é o resultado filosófico e racional da observação sistemática dos fatos que deram origem ao *espiritualismo moderno*. Portanto, ao contrário do que sugere Sandra Jacqueline Stoll, o “ato semântico” de Allan Kardec, através do qual ele cria o vocábulo *Espiritismo* e seus correlatos, não “(...) estabelece os termos da inserção do Espiritismo no contexto religioso da modernidade”<sup>11</sup>. Primeiro, porque, ao contrário do que a antropóloga afirma, e do que comumente se acredita, não foi Kardec o criador do termo “Espiritismo”.<sup>12</sup> E, segundo, porque, a distinção entre *Espiritismo* e *espiritualismo*, define o caráter de especialidade que a nova doutrina assume diante do *espiritualismo filosófico*. De fato, conforme indicado em *Identidade e Fronteiras do Espiritismo na obra de Allan Kardec*<sup>13</sup>, o que estabelece os “termos de inserção” do Espiritismo no contexto religioso da Modernidade é a tentativa reiterada de enxertá-lo na árvore da tradição cristã-católica através da ressemantização, à luz da nova doutrina, dos elementos constituintes desta tradição.

Isso fica muito claro quando, na *Conclusion* desta mesma obra, Kardec afirma:

O Espiritismo [...] encontra-se por toda a parte, em todas as religiões, principalmente na religião católica e aí com mais autoridade do que em todas as outras, pois no catolicismo se acha o princípio de tudo quanto existe no Espiritismo: os Espíritos em todos os graus de elevação, suas relações ocultas e ostensivas com os homens, os anjos da guarda, a reencarnação, a emancipação da alma durante a vida, a dupla vista, as visões, todos os gêneros de manifestações, as aparições e mesmo as aparições tangíveis. Quanto aos demônios, não passam de Espíritos maus e, salvo a crença de que os primeiros foram destinados a permanecer perpetuamente no mal, ao passo que a via do progresso não está proibida aos outros, não há entre eles mais do que simples diferença de nomenclatura.<sup>14</sup>

<sup>10</sup> Idem, ibidem. p. 27-31)

<sup>11</sup> STOLL, *op. cit.*, 2003, p. 36.

<sup>12</sup> Graças à indicação do pesquisador Vitor Moura, autor do blog “Obras Psicografadas” (<http://obraspsicografadas.haaan.com>), pude ter acesso à obra anti-espírita: BRONWSON, Orestes Augustus. *The Spirit-Rapper. An Autobiography*. Boston/London: Little, Brown and Company/Charles Dolman. 1854. No Capítulo XX, desta obra, aparecem referências a certo “circle of Spiritualists or Spiritists” (p. 290), ao qual teria comparecido o Juiz Preston, a convite de um amigo, após a morte de sua esposa. No mesmo Capítulo, algumas páginas adiante (294), é utilizada a palavra *spiritism* para se referir à necromancia. Igualmente na obra anônima: *The Apocatastasis, or Progress Backwards*. A new “tract for the times”. (Burlington: Chauncey Goodrich, 1854); o termo *spiritism* aparece cerca de dez vezes. Ambos os livros indicam que o uso da palavra *spiritism* e seus correlatos, já era corrente quando Allan Kardec publicou sua obra capital, *Le Livre des Esprits* (1857) e inaugurou o uso da palavra *spiritisme* para designar a Doutrina dos Espíritos, como uma especialidade do *spiritualisme* de cunho filosófico.

<sup>13</sup> ARAUJO, *op.cit.*, 2010.

<sup>14</sup> KARDEC, *op. cit.*, 2007, p. 632-633.

E para explicar qual é papel da “moderna ciência espírita” frente a tais diferenças de nomenclatura, afirma logo em seguida que esta: “Reúne em corpo de doutrina o que estava esparso explica, em termos apropriados, o que só era dito em linguagem alegórica; suprime o que a superstição e a ignorância haviam criado, para só deixar o que é real e positivo: eis o seu papel”<sup>15</sup>. Esta dupla citação demonstra, portanto, que a doutrina espírita representa um espaço de mediação, *o espaço da correta interpretação dos dados da tradição cristã*. Para Kardec, não é que a tradição seja de todo inválida, ela revela a verdade a seu modo, através da linguagem alegórica, que os modernos erram ao assumir como a descrição objetiva da verdade. Em outras palavras, o codificador identifica que falta à tradição uma chave hermenêutica que atualize seu verdadeiro sentido. E, para ele, esta *chave* é o Espiritismo. De onde, no entanto, adviria ao Espiritismo a autoridade para tal empreendimento hermenêutico?

### **A teoria das três revelações:**

Como vimos anteriormente, já em 1860, na Conclusão de *O Livro dos Espíritos*, Kardec acena para a existência de um vínculo de continuidade entre o Catolicismo Romano e o Espiritismo. A partir de 1861, no entanto, Kardec principia a formular aquilo que gosto de chamar “a teoria das três revelações”, e que nada mais é que a perspectiva kardeciana de que o Espiritismo seria a “terceira revelação da lei de Deus” em linha de sucessão contínua e de complementaridade com as revelações mosaica e cristã.

A lei do Antigo Testamento teve em Moisés a sua personificação; a do Novo Testamento tem-na no Cristo. O Espiritismo é a terceira revelação da lei de Deus, mas não tem a personificá-la nenhuma individualidade, porque é fruto do ensino dado, não por um homem, sim pelos Espíritos, que *são as vozes do Céu*, em todos os pontos da Terra, com o concurso de uma multidão inumerável de intermediários.<sup>16</sup>

A origem desta “teoria” remonta a uma série de comunicações, obtidas por um *médium* de Mulhouse e publicadas por Kardec na *Revista Espírita* no ano de 1861. Kardec omite o nome do médium propositalmente, e o chama de Sr. R..., fiel a seu princípio de que a

---

<sup>15</sup> Idem, *ibidem*, p. 633.

<sup>16</sup> Idem, *ibidem*. p.64-65).

identidade dos correspondentes seria preservada, segundo o interesse dos mesmos.<sup>17</sup> A primeira comunicação foi publicada no número de Março, e é introduzida por um trecho da carta do próprio Sr. R... no qual o autor esclarece os motivos que o teriam produzido a comunicação em questão. Afirma o médium:

Inicialmente devo dizer-vos que professo o culto israelita e, naturalmente, sou levado às ideias religiosas nas quais fui educado. Eu tinha notado que, em todas as comunicações dadas pelos Espíritos, não se tratava senão da moral cristã, pregada pelo Cristo, e que nunca se falava da lei de Moisés. No entanto, eu dizia a mim mesmo que os mandamentos de Deus, revelados por Moisés, me pareciam ser o fundamento da moral cristã; que o Cristo poderia ter ampliado o quadro e desenvolvido suas consequências, mas que o germe estava na lei ditada no Sinai. Então me perguntei se a menção, tantas vezes repetida, da moral do Cristo, embora a de Moisés não lhe fosse estranha, não provinha do fato de que a maior parte das comunicações recebidas emanavam de Espíritos que tinham pertencido à religião dominante, e se elas não seriam uma lembrança das ideias terrenas.<sup>18</sup>

Com este pensamento em mente, conta o Sr. R... que decidiu consultar seu Espírito protetor, Mardoché R..., a fim de solucionar sua dúvida. O Espírito lhe explica que, sim, a moral evangélica é a moral mais pura, mais elevada e está destinada a aproximar todos os homens, tornando-os irmãos. Além disso, pela prática generalizada de tal moral, a Terra se tornaria morada para Espíritos superiores aos que atualmente a habitam. Explica ainda que Moisés foi enviado por Deus para torná-lo conhecido de todos os povos, e não apenas dos hebreus. Mas, a moral ensinada por Moisés estava circunscrita e era apropriada ao grau de adiantamento da humanidade de seu tempo e que ele se propunha regenerar. Mas, “os mandamentos de Deus, dados por intermédio de Moisés, contêm os germes da mais ampla moral cristã”<sup>19</sup>. E, conclui: “Moisés abriu o caminho; Jesus continuou a obra; o Espiritismo a concluirá”.<sup>20</sup>

Em Setembro do mesmo ano, sob o título *Um Espírito Israelita a seus Correligionários*, Kardec publica na *Revista* três novas comunicações produzidas pelo mesmo médium, e assinadas pelo Espírito Edouard Pereyre. O teor das duas primeiras é bem semelhante ao da comunicação assinada por Mardoché R..., possuindo, no entanto, o formato de cartas dirigidas a outros judeus pedindo-lhes que abracem o Espiritismo. O argumento

<sup>17</sup> “Não daremos o conhecer os nomes das pessoas que nos enviarem as comunicações, a não ser que, para isto sejamos formalmente autorizados” (KARDEC, Allan. Introdução. In: \_\_\_\_\_. *Revista Espírita*. Jornal de Estudos Psicológicos. Ano I. Janeiro 1858. Rio de Janeiro: FEB, 2007. p. 28).

<sup>18</sup> KARDEC, Allan. A lei de Moisés e a lei do Cristo. In: \_\_\_\_\_. *Revista Espírita*. Jornal de Estudos Psicológicos. Ano IV. Março 1861. Rio de Janeiro: FEB, 2007. p. 142ss.

<sup>19</sup> Idem, ibidem. p. 144.

<sup>20</sup> Idem, ibidem. p. 144.

central desta solicitação é baseado na seguinte assertiva: “Hoje, pois, é preciso alargar as bases do ensino; o que a lei de Moisés vos ensinou já não basta para fazer avançar a Humanidade e Deus não quer que fiquéis sempre no mesmo ponto, porquanto, o que era bom há cinco mil anos já não o é hoje”.<sup>21</sup> E, continua:

Pois bem! São chegados os tempos, meus amigos, em que Deus quer ampliar o quadro dos vossos conhecimentos. O próprio Cristo, embora tenha feito a lei mosaica avançar um passo, não disse tudo, pois não teria sido compreendido, mas lançou sementes que deveriam ser recolhidas e aproveitadas pelas gerações futuras. Deus, em sua infinita bondade, vos envia hoje o Espiritismo, cujas bases estão, inteiras, na lei bíblica e na lei evangélica, para vos elevar e ensinar a vos amardes uns aos outros.<sup>22</sup>

No entanto, a terceira e última comunicação desta série é a mais elaborada do ponto de vista que nos ocupa. Ela apresenta a *teoria das três revelações* de maneira explícita e com sua lógica plenamente articulada, tal como será assumida por Kardec posteriormente em *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864) e no primeiro capítulo de *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo* (1868). Em seu fundamento encontra-se a crença, tipicamente espírita, de que a história se desenvolve em sentido progressivo – do pior para o melhor – e com um fim ordenado por Deus, segundo sua providência, para que se cumpra a perfeição intelecto-moral de todos os Espíritos. Ao longo dessa história, periodicamente, Deus envia personagens – Espíritos mais avançados – a fim de acelerar o progresso humano através de seu ensino e da revelação das leis divinas. Tudo isso é feito de modo também progressivo, de acordo com o grau de adiantamento da humanidade num certo período da história.

Assim, teriam havido três revelações: a primeira veio à lume com Moisés. Segundo Kardec, para bem compreender a importância da lei mosaica na economia geral da revelação das leis divinas, é preciso atentar para uma distinção fundamental: por um lado teria havido a revelação da lei de Deus promulgada no Sinai; lei invariável e que teria sido formulada no Decálogo como lei universal, lei “[...] de todos os tempos e de todos os países [...]”<sup>23</sup>, e, por isso mesmo divina. Por outro lado, há ainda as leis disciplinares e civis, apropriadas aos costumes e ao caráter do povo, e que foram estabelecidas por Moisés a fim de “[...] manter,

---

<sup>21</sup> Idem. Um Espírito Israelita a seus Correligionários. In: \_\_\_\_\_. *Revista Espírita*. Jornal de Estudos Psicológicos. Ano IV. Setembro 1861. Rio de Janeiro: FEB, 2007. p. 408-409.

<sup>22</sup> Idem, *ibidem*. p. 409.

<sup>23</sup> Idem. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, *op. cit.* p. 55-56.

pelo temor, um povo naturalmente turbulento e indisciplinado, no qual tinha ele de combater arraigados abusos e preconceitos, adquiridos durante a escravidão do Egito”<sup>24</sup>. E, continua:

Para imprimir autoridade às suas leis, houve de lhes atribuir origem divina, assim como fizeram todos os legisladores dos povos primitivos. A autoridade do homem precisava apoiar-se na autoridade de Deus; mas só a ideia de um Deus terrível podia impressionar homens ignorantes, nos quais o senso moral e o sentimento de uma justiça reta estavam ainda pouco desenvolvidos.<sup>25</sup>

Caso não se faça essa distinção – entre a lei divina e a lei de Moisés – torna-se incompreensível, para Kardec, que o mesmo Deus que ordena, em seus mandamentos, não cometer homicídio, faça do extermínio dos povos inimigos um dever.

A segunda das três revelações é a revelação cristã. Se, na primeira revelação, Moisés revelara aos homens a existência de um Deus único; espiritual e não material como os deuses da antiguidade; se ele lançou os alicerces da verdadeira fé e estabeleceu os pilares da moralidade na lei do Sinai; o Cristo trouxe a revelação da vida futura e das penas e recompensas que o homem receberá após sua morte, e assim, ampliou e completou o sentido da revelação mosaica. Contudo, a principal diferença do ensino do Cristo daquele dado por Moisés, “a parte mais importante [...]” de sua revelação, “[...] no sentido de fonte primeira, de pedra angular de toda a sua doutrina é o ponto de vista inteiramente novo sob o qual Ele considera a Divindade”.<sup>26</sup>

Esta já não é o Deus cruel e implacável que rega a terra com o sangue humano, que ordena o massacre e o extermínio dos povos, sem excetuar as mulheres, as crianças e os velhos, e que castiga aqueles que poupam as vítimas; já não é o Deus injusto, que pune um povo inteiro pela falta do seu chefe, que se vinga do culpado na pessoa do inocente, que fere os filhos pelas faltas dos pais; mas um Deus clemente, soberanamente justo e bom, cheio de mansidão e misericórdia, que perdoa ao pecador arrependido e *dá a cada um segundo as suas obras*. Já não é o Deus de um único povo privilegiado, o *Deus dos exércitos*, presidindo aos combates para sustentar a sua própria causa contra o Deus de outros povos, mas pai comum do gênero humano, que estende sua proteção sobre todos os seus filhos e os chama todos a si [...]. Enfim, já não é o Deus que quer ser temido, mas o Deus que quer ser amado”.<sup>27</sup>

---

<sup>24</sup> Idem, *ibidem*. p. 56.

<sup>25</sup> Idem, *ibidem*. p. 57.

<sup>26</sup> Idem. *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB: 2009. p. 35.

<sup>27</sup> Idem, *ibidem*. p. 36-37.

Por fim, então, a terceira revelação: o Espiritismo, que, “assim como o Cristo disse: “Não vim destruir a lei, porém cumpri-la”, também diz: ‘Não venho destruir a lei cristã, mas dar-lhe execução’.”<sup>28</sup> Em outras palavras: “O Espiritismo, partindo das próprias palavras do Cristo, como este partiu das de Moisés, é consequência direta da sua doutrina”.<sup>29</sup> Ou, como diria José Herculano Pires (1914-1979), tido como o maior intérprete do pensamento kardeciano no Brasil:

O Espiritismo é o desenvolvimento histórico e profético do Cristianismo. Histórico na sucessão dos tempos, no lento e penoso desenvolvimento da Civilização Cristã, que ainda não superou a condição de esboço, mas já estendeu sua influência a todo o mundo. Profético no sentido real, objetivo, sem a mística deformadora das igrejas, de cumprimento da Promessa do Consolador, do Paráclito, do Espírito da Verdade que viria restaurar o ensino legítimo de Cristo.<sup>30</sup>

Em outras palavras, o Espiritismo é o mais autêntico sucessor do Cristianismo posto que “[...] desenvolve, completa e explica, em termos claros e para toda gente, o que foi dito apenas sob forma alegórica”<sup>31</sup> na mensagem evangélica, assim como o Cristo, a seu tempo, o fez com a revelação de Moisés.

### **O Espiritismo como “chave hermenêutica”:**

Ao apresentar o Espiritismo como o legítimo sucessor do Cristianismo, Kardec assume como parte fundamental de sua missão uma releitura das *fontes cristãs*. Não é a toa que afirma em *O Evangelho segundo o Espiritismo*:

Muitos pontos do Evangelho, da *Bíblia* e dos autores sacros em geral só são ininteligíveis, parecendo alguns até irracionais, por falta da chave que nos faculte compreender o seu verdadeiro sentido. Essa chave está completa no Espiritismo, como já puderam convencer-se os que o estudaram seriamente, e como todos o reconhecerão, melhor ainda, mais tarde. O Espiritismo se encontra por toda parte na antiguidade e nas diferentes épocas da Humanidade. Em toda parte encontramos seus vestígios: nos escritos, nas

<sup>28</sup> Idem. *O Evangelho segundo o Espiritismo. op. cit. p. 59-60.*

<sup>29</sup> Idem. *A Gênese..., op.cit. p. 39.*

<sup>30</sup> PIRES, J. H. *Mediunidade. Conceituação da Mediunidade e Análise Geral dos seus Problemas Atuais*. São Paulo: Paideia, 2002. p. 127-128.

<sup>31</sup> KARDEC, *O Evangelho..., op.cit. p. 59-60.*

crenças e nos monumentos. É por isso que, se ele rasga horizontes novos para o futuro, projeta luz não menos viva sobre os mistérios do passado.<sup>32</sup>

Esta ideia de que textos tradicionais, principalmente os de tradições religiosas, necessitem de uma chave de leitura e interpretação para serem adequadamente compreendidos não é uma ideia nova ou original. O pensamento ocidental a conhece, pelo menos, desde Platão e Aristóteles, tentativas de interpretação racional dos mitos. Segundo Jean Grondin, a necessidade de uma “[...] interpretação só aparece quando um sentido estranho, ou percebido como estranho, deve ser tornado compreensível. Desta forma, o interpretar é um modo de tornar compreensível, ou um modo de traduzir um sentido estranho em algo compreensível [...]”.<sup>33</sup> E é motivada, a maioria das vezes, por razões de ordem moral, racional, e, por certo utilitarismo. No primeiro caso, o intérprete trata de eliminar o aspecto escandaloso da literatura mítica, por exemplo. Divindades cruéis, acossadas por paixões demasiado humanas, causam desconforto e não podem ser postas como modelos morais. No segundo, semelhante ao primeiro, é preciso demonstrar que o mito se coaduna com uma visão racional do mundo, que possui, portanto, certo grau de validade. Por fim, como os intérpretes não queriam (ou mesmo não podiam) dispensar a autoridade dos antigos, buscavam a tradição como fonte de legitimação para sua cosmovisão a fim de produzir uma sensação de continuidade aliada à inovação. Dessa maneira, afirma o autor:

[...] foram sobretudo experiências de quebra da tradição que faziam germinar o problema da interpretação e de sua teoria hermenêutica para um renovado destaque. Assim, por exemplo, foi desenvolvida, na filosofia pós-aristotélica, uma teoria da interpretação alegórica dos mitos, para submeter os mitos desconhecidos e chocantes a uma valorização racionalizante, que transformava um sentido estranho numa nova atualidade.<sup>34</sup>

O uso da *alegoria* – uma figura discursiva através da qual a comunicação do sentido se daria de maneira indireta (diz-se algo, para dar a entender algo diverso), e na qual o sentido literal aponta para um sentido ainda mais profundo a ser descoberto por meio da *alegorese*, ou seja, “[...] o processo explícito de interpretação, a recondução da letra à vontade de sentido que nela se comunica (a rigor: a conversão da alegoria)”<sup>35</sup> – foi amplo também no Cristianismo Antigo na interpretação dos escritos do Antigo Testamento. Segundo Grondin, a primitiva

---

<sup>32</sup> Idem, *ibidem*. p. 23.

<sup>33</sup> GRONDIN, Jean. *Introdução à hermenêutica filosófica*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1999. p. 49.

<sup>34</sup> Idem, *ibidem*. p. 50.

<sup>35</sup> Idem, *ibidem*. p. 59.

crisandade “[...] desde o início esteve exposta ao particular desafio inerente ao anúncio de Jesus e à sua implícita relativização da lei judaica”<sup>36</sup>.

A partir de sua doutrina, a lei mosaica e sobretudo sua profética esperança messiânica já não podiam ser entendidas literalmente. Mas, já que Jesus apelava explicitamente para a sua autoridade, a tradição judaica também não podia ser simplesmente posposta. Recomendava-se, pois, interpretá-la alegoricamente e reelacioná-la (sic) integralmente com a pessoa de Jesus. Jesus era o espírito, a partir do qual a letra do Antigo Testamento devia ser interpretada. [...] o messianismo judaico levava [...] a esperar por um poderoso soberano, que haveria de restaurar o reino dos judeus em sua antiga magnificência, e não um messias que se estabelecesse acima da lei e morresse crucificado como um blasfemo. Aqui não era possível sofismar sobre o sentido literal das Escrituras. Por isso, precisava ser proposta uma interpretação alegórica, com ajuda da chave hermenêutica, a qual era fornecida pela pessoa de Jesus.<sup>37</sup>

Se, como afirma o sociólogo francês, Maurice Halbwachs (1877-1945), “[...] para melhor mostrar a originalidade da doutrina cristã, os fundadores do Cristianismo, em particular São Paulo, o opuseram ao Judaísmo tradicional: por meio de termos retirados do Antigo Testamento, e pela interpretação de profecias das quais os Judeus não entendiam senão o sentido literal [...]”<sup>38</sup>, e, em seus textos fundacionais “[...] a oposição entre fariseus e cristãos, entre o Judaísmo ortodoxo e a religião do Filho do homem é evocada incessantemente [...]”<sup>39</sup>, tornando, assim, a história do Cristianismo nascente a história de sua diferenciação do Judaísmo; não é menos verdade que, sem se destacar frente à tradição judaica, tal história seria mal compreendida. E, ainda, se esta oposição não contivesse em si os germes de uma aparente atualização – se as profecias e a lei mosaica não fossem interpretadas à luz da figura de Jesus – em outras palavras, se o Cristianismo nascente não se inserisse na *linhagem judaica*, “[...] se não tivesse se apresentado como a continuação, em certo sentido, da religião hebraica, pode-se questionar se teria podido se constituir como religião”.<sup>40</sup>

Similarmente ao que sucedeu com os fundadores do Cristianismo, Kardec encontra no Evangelho, e na Bíblia, lacunas de sentido que pretende preencher com a prática da *alegorese* à luz do Espiritismo. Assim, quando Jesus afirma: “Tenho ainda muito que vos dizer, mas não podeis agora suportar. Quando vier o Espírito da Verdade, ele vos conduzirá à verdade plena

<sup>36</sup> Idem, ibidem. p. 64.

<sup>37</sup> Idem, ibidem. p. 64-65.

<sup>38</sup> HALBWACHS, Maurice. *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*. Une édition électronique réalisée à partir du livre de Maurice Halbwachs (1925), *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris : Félix Alcan, 1925. Collection Les Travaux de l'Année sociologique. p. 136. (Tradução minha).

<sup>39</sup> Idem, ibidem. p. 136. (Tradução minha).

<sup>40</sup> Idem, ibidem. p. 137. (Tradução minha).

[...]”<sup>41</sup>; o fundador do Espiritismo compreende que: “Se, portanto, o Espírito de Verdade devia vir mais tarde para ensinar todas as coisas, é que Cristo não dissera tudo; se ele vem relembrar o que o Cristo disse, é que o seu ensino foi esquecido ou malcompreendido”.<sup>42</sup> Para ele, Jesus “falou de tudo mas em termos mais ou menos explícitos. Para apanhar o sentido de certas palavras suas, era necessário que novas ideias e novos conhecimentos lhes trouxessem a chave, e essas ideias não podiam surgir antes que o espírito humano houvesse alcançado um certo grau de maturidade”<sup>43</sup>. Portanto:

O Espiritismo vem no tempo previsto cumprir a promessa do Cristo: preside ao seu advento o Espírito de Verdade. Ele chama os homens à observância da lei; ensina todas as coisas fazendo compreender o que o Cristo só disse por parábolas. Disse o Cristo: “Ouçam os que têm ouvidos para ouvir”. O Espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, porque fala sem figuras e sem analogias; levanta o véu intencionalmente lançado sobre certos mistérios. Vem, finalmente, trazer a suprema consolação aos deserdados da Terra e a todos os que sofrem, atribuindo causa justa e fim útil a todas as dores. [...] O Espiritismo mostra a causa dos sofrimentos nas existências anteriores e na destinação da Terra, onde o homem expia o seu passado. [...] Assim, o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba de onde vem, para onde vai e porque está na Terra; um chamamento aos verdadeiros princípios da lei de Deus e consolação pela fé e pela esperança.<sup>44</sup>

Um exemplo poderá nos ajudar a compreender o modo como se efetiva a prática da *alegorese* bíblica nas obras de Kardec. No Capítulo IV de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, intitulado *Ninguém poderá ver o Reino de Deus se não nascer de novo*. Diante de evidências textuais como o episódio em que, após sua Transfiguração, os discípulos o questionam acerca da volta do profeta Elias, como sinal da era messiânica; e Jesus lhes declara que Elias já havia voltado, e eles compreenderam que ele falava de João Batista.<sup>45</sup> Ou, ainda, diante do relato do encontro de Jesus com Nicodemos, no qual o Nazareno faz a declaração que dá título ao Capítulo<sup>46</sup>, o fundador do Espiritismo se esforça por demonstrar que mesmo o dogma da reencarnação encontra referência nos Evangelhos, e afirma:

A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de *ressurreição*. [...] As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos

<sup>41</sup> Jo 16, 12-13. (Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2000).

<sup>42</sup> KARDEC, O Evangelho..., *op. cit.* p. 150

<sup>43</sup> Idem, *ibidem*, p. 58.

<sup>44</sup> Idem, *ibidem*. p. 150.151.

<sup>45</sup> Cf.: Mt 17, 10-13; Mc 9, 11-13.

<sup>46</sup> Cf.: Jo 3, 1-12.

outros, não eram claramente definidas, porque apenas tinham vagas e incompletas noções acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Criam eles que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam pelo termo *ressurreição* o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama *reencarnação*. Com efeito, a *ressurreição* dá ideia de voltar à vida o corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. A *reencarnação* é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo.<sup>47</sup>

Igualmente encontra também referências presentes no Antigo Testamento<sup>48</sup> as quais também comenta, e conclui:

Não há, pois, razão para duvidar de que, sob o nome de *ressurreição*, o princípio da reencarnação era uma das crenças fundamentais dos judeus, e que foi confirmado por Jesus e pelos profetas de maneira formal; donde se segue que negar a reencarnação é renegar as palavras do Cristo. [...] Sem o princípio da preexistência da alma e da pluralidade das existências, a maioria das máximas do Evangelho são ininteligíveis, razão pela qual deram origem a tantas interpretações contraditórias. Esse princípio é a chave que lhes restituirá o verdadeiro sentido.<sup>49</sup>

Os exemplos poderiam se multiplicar, tanto no sentido de demonstrar as interpretações de textos do Antigo quanto do Novo Testamento. O mesmo acontecendo com os dogmas da Igreja, como em *O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina segundo o Espiritismo* (1865), obra na qual Kardec revisita a crença no céu e no inferno, nos anjos e demônios, e na vida futura, a partir dos cânones da nova doutrina. Ou ainda, em *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*, obra na qual Kardec interpreta, respectivamente a gênese mosaica, os milagres e as predições de Jesus à luz da doutrina espírita.

No entanto, creio que o exemplo apresentado seja suficiente para demonstrar que, no processo de formação de sua identidade frente à religião cristã, a doutrina espírita, tal como formulada por Kardec, aparece como *meio* de interpretação/tradução da tradição cristã para o século XIX. Por um lado tal processo é marcado pelo desejo do lugar do outro (*mimese*). Kardec parece desejar que o espiritismo ocupe o lugar de unificação e fundamentação de uma visão global do mundo, deixado vago pelo Catolicismo Romano desde a Reforma Protestante e o advento e ascensão da ciência moderna. E, por outro, não quer criar os vínculos de uma

<sup>47</sup> KARDEC, O Evangelho..., *op.cit.* p. 96.

<sup>48</sup> Cf.: Is 29, 19; Jó 14, 10.14.

<sup>49</sup> KARDEC, O Evangelho..., *op.cit.* p. 99-100.

associação identitária total (*cisão*), com a negação dos aspectos cúlticos e formais inerentes ao catolicismo-romano. Ao mesmo tempo, o universo da dogmática católico-romana é *fetichizada* e apropriado de maneira quase integral. Como um discurso minoritário emergente, o espiritismo se confronta com o discurso religioso hegemônico no âmbito sociocultural em que se inscreve, e o *traduz* para o seu próprio discurso, criando, assim, uma identidade *híbrida*.<sup>50</sup>

### **Conclusão:**

No início afirmei: o Espiritismo é uma religião. E fiz isso discordando de seu fundador e principal ideólogo. Este trabalho, contudo, não foi escrito para demonstrar que o Espiritismo seja uma religião. Mas, para demonstrar como, apesar de reiteradamente afirmar que ele não o era e que poderia incluir em seu seio profíctos de qualquer credo religioso, Allan Kardec, ao enxertar a nova doutrina na árvore da tradição cristã, e assim sustentar que o Espiritismo é o legítimo sucessor do Cristianismo para o século XIX e para o futuro, não deixa alternativa senão afirmar o caráter religioso de uma doutrina que se queria ciência e filosofia, apenas.

O filósofo italiano e professor de semiótica, Umberto Eco, em seu livro *Interpretação e Superinterpretação*, afirma que entre a intenção do autor empírico de um texto (*intentio auctoris*), e o propósito do leitor-intérprete (*intentio lectoris*), há sempre a *intentio operis* (a intenção da obra). Esta última serviria como uma espécie de “princípio popperiano” na verificação da validade de determinada interpretação. Segundo Eco:

Essa ideia [...] é antiga e vem de Agostinho (*De doctrina christiana*): qualquer interpretação feita de uma certa parte de um texto poderá ser aceita se for confirmada por outra parte do mesmo texto, e deverá ser rejeitada se a contradisser. Neste sentido, a coerência interna do texto domina os impulsos do leitor, de outro modo incontroláveis.<sup>51</sup>

Digo isso porque, honestamente, penso que minha leitura da obra kardeciana tem respeitado a *intentio operis*, e vem se mantendo à distância da tentação de buscar a verdadeira *intentio*

<sup>50</sup> Cf.: BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: EDUFMG, 2007. (Trad. Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves). E ainda: ARAUJO, Augusto. Identidade e Fronteiras do Espiritismo na obra de Allan Kardec. **Horizonte**, v. 8 n. 16, jan./mar. 2010. (Em Edição).

<sup>51</sup> ECO, Umberto. Superinterpretando textos. In: \_\_\_\_\_. *Interpretação e Superinterpretação*. Martins Fontes: São Paulo, 2005. p. 76.

*auctoris* que, em tudo me parece inalcançável. Por outro lado, ao tentar respeitar a coerência interna da obra, tenho me esforçado por não permitir que meus propósitos, como leitor, interfiram em demasia no exercício da interpretação desta obra. Com isso quero dizer que, longe de pensar minha leitura e interpretação como a mais correta, estou igualmente certo de que ela é uma interpretação possível e viável pelos motivos expostos ao longo desta apresentação.

### **Bibliografia:**

ANÔNIMO. *The Apocatastasis, or Progress Backwards*. A new “tract for the times”. Burlington: Chauncey Goodrich, 1854.

ARAÚJO, Augusto. Identidade e Fronteiras do Espiritismo na obra de Allan Kardec. **Horizonte**, v. 8 n. 16, jan./mar. 2010. (Em Edição).

BENCHAYA, Salomão J. *Da Religião Espírita ao Laicismo*. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2006.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: EDUFMG, 2007. (Trad. Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves).

BRONWSON, Orestes Augustus. *The Spirit-Rapper*. An Autobiography. Boston/London: Little, Brown and Company/Charles Dolman. 1854.

ECO, Umberto. Superinterpretando textos. In: \_\_\_\_\_. *Interpretação e Superinterpretação*. Martins Fontes: São Paulo, 2005. p. 76.

GRONDIN, Jean. *Introdução à hermenêutica filosófica*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1999.

HALBWACHS, Maurice. *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*. Une édition électronique réalisée à partir du livre de Maurice Halbwachs (1925), Les cadres sociaux de la mémoire.

Paris: Félix Alcan, 1925. Collection Les Travaux de l'Année sociologique. (Disponível em : [http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques\\_des\\_sciences\\_sociales/index.html](http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html)).

KARDEC, Allan. *Le Livre des Esprits*. Brasília : Conseil Spirite International, 2007.

\_\_\_\_\_. *O Livro dos Espíritos*. Princípios da Doutrina Espírita. Rio de Janeiro: FEB, 2007. (Trad. Evandro Noleto Bezerra).

\_\_\_\_\_. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2008. (Trad. Evandro Noleto Bezerra).

\_\_\_\_\_. *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2009. (Trad.: Evandro Noleto Bezerra).

\_\_\_\_\_. Introdução. In: \_\_\_\_\_. *Revista Espírita*. Jornal de Estudos Psicológicos. Ano Primeiro. Maio de 1858. n. 5. Rio de Janeiro: FEB, 2007. p. 22-28. (Trad.: Evandro Noleto Bezerra).

\_\_\_\_\_. Refutação de um Artigo do “Univers”. In: \_\_\_\_\_. *Revista Espírita*. Jornal de Estudos Psicológicos. Ano Segundo. Maio de 1859. n. 5. Rio de Janeiro: FEB, 2007. p. 196-208. (Trad.: Evandro Noleto Bezerra).

\_\_\_\_\_. A lei de Moisés e a lei do Cristo. In: \_\_\_\_\_. *Revista Espírita*. Jornal de Estudos Psicológicos. Ano IV. Março 1861. Rio de Janeiro: FEB, 2007. p. 28, mar/1861p. 142ss.

\_\_\_\_\_. Um Espírito Israelita a seus Correligionários. In: \_\_\_\_\_. *Revista Espírita*. Jornal de Estudos Psicológicos. Ano IV. Setembro 1861. Rio de Janeiro: FEB, 2007. p. 408-409.

PIRES, J. H. *Mediunidade*. Conceituação da Mediunidade e Análise Geral dos seus Problemas Atuais. São Paulo: Paideia, 2002.

STOLL, Sandra Jacqueline. *Espiritismo à Brasileira*. São Paulo: EDUSP, 2003.

\_\_\_\_\_. A doutrina dos espíritos: construção de Allan Kardec. In: REIS, Ademar Arthur C. dos. (et al.). *A CEPA e a atualização do Espiritismo*. Porto Alegre: CCEPA, 2001. p. 207-216.

REIS, Ademar Arthur C. dos. (et al.). *A CEPA e a atualização do Espiritismo*. Porto Alegre: CCEPA, 2001.